

---

# II CONGRESSO ÉTNICO

## RACIAL



### DESCOLONIZAÇÃO EM TEMPOS DE RETROCESSO

#### MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO, DURBAN E O ANTIRRACISMO: OS ESFORÇOS E AS CONSEQUÊNCIAS DE UMA TRANSNACIONALIZAÇÃO

Ana Cecília Alcântara Vera

Universidade Federal de Uberlândia

[ceciliaalcvvera@gmail.com](mailto:ceciliaalcvvera@gmail.com)

#### Resumo

A discussão sobre a questão racial, o racismo e as relações raciais no Brasil é complexa e particular, já que permeia uma diversidade de conceitos que remetem a práticas políticas e históricas. Além da vasta teorização, as interpretações feitas também são múltiplas. Aqui, não trataremos *raça* como categoria modelada em um alicerce biológico, como utilizado para embasar dominação e genocídios, trata-se, aqui, de pensá-la no âmbito de construções políticas, sociais e culturais (GOMES, 2005). Ao longo das pesquisas realizadas, tornou-se perceptível que analisar a questão racial é analisar a construção de identidades, a formação social brasileira, a realidade socioeconômica do país, e, também, analisar as relações sociais contemporâneas.

Afinal, o Brasil configura-se como o segundo país com a maior população negra do mundo, atrás apenas da Nigéria. Porém, apesar do fato exposto, a questão racial no país em muitos momentos de sua história política e social foi negligenciada, ou ganhou feições muito singulares, já que era divulgado, ainda no século XX, a imagem de uma ‘democracia racial’, de um país racialmente harmônico, em que a existência do racismo e todas as suas vertentes era negada. A ideia de um paraíso racial brasileiro foi variável, começando a ser desmantelada apenas a partir da década de 1950, mas silenciada durante os anos do Regime Militar (1964-1985), período esse em que é constituído um dos movimentos mais relevantes para a construção identitária brasileira e a luta de combate ao racismo no país, o Movimento Negro Unificado (MNU), surgido no período de reabertura democrática, em 1978, o qual discutiu e debateu o racismo brasileiro de forma realista e pública (PEREIRA, 2013), e foi minuciosamente analisado ao longo da pesquisa, principalmente no que tange aos seus

Ituiutaba – MG, de 22 a 24 de novembro de 2017.

---

# II CONGRESSO ÉTNICO

## RACIAL

### DESCOLONIZAÇÃO EM TEMPOS DE RETROCESSO



esforços de transnacionalização.

---

Desde a década de 1950, inúmeros mecanismos internacionais de combate ao racismo foram estabelecidos no âmbito das Nações Unidas. Por exemplo, a Convenção internacional sobre a eliminação de todas as formas de discriminação racial (sancionada pelo Governo brasileiro em 1969) e, também, a I e a II Conferência Mundial contra o Racismo, em Genebra, respectivamente em 1978 e 1983, ambas dominadas pelas denúncias e esforços de combater o apartheid, regime institucional de segregação constituído em 1948. Infelizmente, esses mecanismos não obtiveram visibilidade pública no Brasil, afinal, a disposição brasileira na luta antirracista era uma retórica vazia, ainda propagava-se a falsa democracia racial (visível nas falas de embaixadores brasileiros presentes na Conferência), e, ademais, havia uma grande distância entre o Estado e os Movimentos Sociais (TRAPP, 2013).

É na década de 1990 que a luta antirracista brasileira ganhou mais força e suporte. Afinal, é quando o Estado passa a assumir as demandas políticas da população negra, até na agenda internacional. O Estado, agora, (tinha que) receber e responder às pressões internas e externas sobre a questão racial. Mudaram-se os discursos oficiais e as estruturas normativas. A luta do MNU e de outros atores anti-racistas- como as ONGs de mulheres negras<sup>2</sup>-, juntamente com o contexto internacional renovado, de uma agenda anti racista manifestada a partir de 2001 na III Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância correlata, em Durban, África do Sul , fortaleceu o debate sobre as necessidades de se implementar políticas voltadas na população negra e contra a desigualdade racial (SANTOS, 2014)

A Conferência de Durban representou um marco para o espectro da luta anti-racista brasileira, foi o momento em que criou-se um diálogo institucional -mesmo que forçado- entre Movimento Negro e Estado. Um dos principais propósitos da Conferência era fornecer a uma opinião pública global, cada vez mais sensibilizada pelas intrincadas interações entre fenômenos distintos associados ao racismo, um conjunto de subsídios normativos elaborados em torno do uso de instrumentos mais efetivos na luta contra suas manifestações contemporâneas. De um lado, representantes do governo brasileiro destacavam o progresso do país na superação dessa injustiça histórica, enquanto, por outro lado, líderes, ativistas,

---

# II CONGRESSO ÉTNICO

## RACIAL

### DESCOLONIZAÇÃO EM TEMPOS DE RETROCESSO



movimentos e ONGs sublinharam as muitas coisas que deveriam ser feitas (THOMAS; NASCIMENTO, 2003). O governo não podia silenciar mais a voz e a demanda negra: agora ela tinha respaldo internacional, e escutá-la era uma obrigação e uma garantia de legitimidade externa e interna.

Sugerida pelo embaixador José L. Alves, a Conferência teve como relatora uma mulher negra brasileira, Edna Roland, a qual declarou que “(..) houve uma compreensão de que, derrotado o apartheid na África do Sul, o Brasil era o próximo front. O Brasil deveria ser a bola da vez, do ponto de vista de luta contra o racismo e a discriminação racial” (apud ALBERTI; PEREIRA, 2007, p. 361). Diante das pesquisas feitas, percebe-se que a importância histórica da Conferência foi também de ordem simbólica, o Movimento Negro Brasileiro estava indo para a África, ou retornando, se pensarmos na ideia polissêmica de África que o Movimento utiliza para construir a identidade negra desde a década de 1970 (TRAPP, 2013). Aqui, África aparece como um imaginário para dar combustível na construção de uma identidade negra e dar sentido para sua própria luta, que mesmo com a diáspora, tem necessidade pujante de juntar o que foi disperso.

---

Dessa forma, compreender a participação brasileira na Conferência é entender a história do anti-racismo no país, especialmente em relação a transnacionalização do Movimento Negro e o colapso da ideologia da democracia racial. Pretendeu-se, com a pesquisa realizada, discutir e analisar as simbologias, representações e identidades, atos e atores envolvidos no primeiro momento em que o governo brasileiro assume para o internacional a desigualdade racial presente no país. Quais são as simbologias que a Conferência carrega para a luta antirracista? Esses atos e representações determinaram efeitos contínuos para o antirracismo? Esse novo mapa político construído se mantém?.

Para responder essas indagações, a escolha da abordagem teórica das Relações Internacionais mais apropriada para a temática foi a literatura pós-colonial, diante da relação de raça como uma representação, uma categoria política e uma construção social de forte presença em países com forte passado colonial e escravocrata, como é o caso brasileiro, em que a identidade negra e a necessidade pujante de se juntar o que foi disperso pela diáspora vem à

---

# II CONGRESSO ÉTNICO

## RACIAL

### DESCOLONIZAÇÃO EM TEMPOS DE RETROCESSO



tona na luta antirracista. No presente trabalho, fez-se uso de fontes primárias e secundárias. Primeiramente, a fim de compreender a mutabilidade que a questão racial e o conceito em si perpassou, a leitura de Ivan Hannaford, Lilia Moritz e Kabengele Munanga foi essencial. No que tange à construção e influência do Movimento Negro Unificado( MNU) na PEB, fez-se análise e leitura das obras de Amílcar Pereira e David Covin, e, por fim, sobre as relações africano-brasileiras e o espaço da questão racial, temática ainda marginalizada na academia de Relações Internacionais, analisou-se teses brasileiras de mestrado e doutorado, e, também, documentos produzidos nas Conferências sobre igualdade racial em que o Brasil participou, como a já citada Conferência de Durban.

Tratar da questão racial expressa nos discursos do Estado, das políticas externas e internas, dos movimentos sociais mais ou menos organizados, é portanto compartilhar do desafio de recolocar em questão as relações e lutas sociais para além de suas fronteiras internas, e também discutir as técnicas de produção de localizações, sujeitos e sentidos, no exercício crítico das influências, tensões, negociações, relações em suma com mundos exteriores, na produção, reprodução ou desconstrução de assimetrias sociais na sociedade brasileira. , dessa desigualdade racial e sua dimensão na sociedade brasileira. Ademais, além de analisar a Conferência a partir dessas perspectivas, uma crítica concepção de suas limitações é necessária diante da grande demanda da população negra em garantir seus direitos, ainda -recorrentemente-negados na vida em sociedade.

#### Referências

BOBBIO, Norberto et al. **Dicionário de política**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1992.

DÁVILA, Jerry. **Hotel Trópico: O Brasil e os desafios da descolonização africana**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Editora Fator, 1983.

GALA, Irene Vida. **A Política Externa do Governo de Lula para África: A Política Externa como Instrumento de Ação Afirmativa...Ainda Que não só**. Brasília: Instituto Rio Branco. 2007.

GILROY, Paul. **The Black Atlantic: Modernity and double consciousness**. Cambridge:

---

# II CONGRESSO ÉTNICO

# RACIAL

## DESCOLONIZAÇÃO EM TEMPOS DE RETROCESSO



Harvard University Press. 1993.

\_\_\_\_\_. **Entre campos:** nações, cultura e o fascínio da raça. São Paulo: Annablume, 2007.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil:** Uma breve discussão. In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei Federal nº10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Racismo e Anti-Racismo no Brasil.** São Paulo: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. **Tirando a máscara:** ensaios sobre racismo no Brasil. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidade e Mediações Culturais.** Trad. Adelaine La Guardiã Resende...(ET AL). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HASENBALG, Carlos A. **Entre o mito e os fatos:** racismo e relações raciais no Brasil. In MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). *Raça, ciência e sociedade.* Rio de Janeiro: FIOCRUZ, CCBB, 1996.

HESSE, Barnor. **Im/plausible Deniability:** Racism's Conceptual Double Bind. *Social Identities*, Vol. 10, 9-29, 2004.

MAIO, Marcos Chor. **O Brasil no concerto das nações:** a luta contra o racismo nos primórdios da Unesco. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online]. 1998, vol.5, n.2, pp.375-413.

MRE. **Direitos Humanos e temas sociais.** 2017. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/direitos-humanos-e-temas-sociais>>. Acesso em 10 abril 2017.

MUNANGA, Kabengele. **"Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia"** In. BRANDÃO, André Augusto Pereira (org.) *Cadernos Penesb.* 5, 2003.

PALMARES. Fundação Cultural Palmares. 2017. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/>. Acesso em 05 abril 2017.

PEREIRA, Amílcar Araújo. **O mundo negro:** Relações Raciais e a Constituição do Movimento Negro Contemporâneo no Brasil. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

---

# II CONGRESSO ÉTNICO

# RACIAL



## DESCOLONIZAÇÃO EM TEMPOS DE RETROCESSO

SANTOS, Sales Augustos. **Ações Afirmativas nos Governos FHC e Lula: um Balanço.** Revista de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal de Sergipe. 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças** – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. **O racismo no Brasil.** São Paulo: Publifolha. 2001.

TRAPP, Rafael Petry. "A Conferência de Durban e o antirracismo no Brasil (1978-2001)". Repositório Institucional PUCRS, <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/5666>>. 2013.

UNESCO. Africa departament. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/en/africa/>>. Acesso em 05 abril 2017.

SEPPIR. **Política Nacional de promoção de Igualdade racial.** Disponível em: <<http://www.seppir.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/pub-seppir/pnpir.pdf/view>>.

Memorial da democracia. **Marcha Zumbi de Palmares contra o Racismo, pela igualdade e a vida.** Disponível em: <<http://memorialdademocracia.com.br/card/marcha-zumbi-reune-30-mil-em-brasilia/docset/910>>. Brasília, 1995.